

Duas vozes de Wainer

Marialva Barbosa*

ROUCHOU, J. S. *Duas vozes de Wainer*. Rio de Janeiro: Univer-Cidade Ed., 2004. 209 p.

Caminhos da Memória. O livro de Joëlle Rouchou sobre as duas vozes de Samuel Wainer – o jornalista e o judeu – mostra, sobretudo, os itinerários do personagem e do pesquisador em torno dos caminhos da memória. A voz de Samuel Wainer, o todo poderoso homem da imprensa, desde o segundo governo Vargas (1950-1954) e que construiu um império jornalístico capitaneado pelo jornal *Ultima Hora*, é o grande destaque do livro que, com maestria, vai deixando que o leitor escute as múltiplas vozes de Wainer.

Ainda que o título coloque em evidência um duplo pertencimento de Samuel Wainer – jornalista e judeu – na fala selecionada pela pesquisadora, a partir das 1.300 páginas datilografadas de entrevistas que Samuel deu em vida, na esperança de ele mesmo escrever sua autobiografia, aparecem múltiplos lugares que este personagem central da história da imprensa brasileira ocupou durante mais de 50 anos em que esteve em cena.

Estrangeiro, judeu, nacionalista, dono de jornal, jornalista, porta-voz de presidentes são alguns dos lugares de pertencimento de Samuel Wainer. Mas, dentre eles, destaca-se o de jornalista – e que constitui a primeira parte do livro – e o de judeu – que forma seu traço mais emocional na segunda parte da obra de Joëlle Rouchou.

A questão da identidade e da memória percorre todo o livro de maneira perfeitamente relacionada. Considerando que memória é a identidade em ato, é através das estratégias memoráveis de Wainer que a autora compõe sua narrativa, também permeada pelo seu lugar de pesquisadora. De tal forma, que o ponto mais emocional do livro – e não poderia ser de outra forma – é exatamente a segunda parte, quando o foco recai sobre um lugar ambíguo, negado algumas vezes,

* Doutora em História. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

rememorado outras tantas e, antes de tudo, construído como o lugar do pertencimento primeiro. Numa narrativa densa, destaca-se neste ponto do livro, a voz de judeu na trajetória de Samuel Wainer.

Não postulando um distanciamento irreal para qualquer pesquisador quando está diante de um objeto que fala de vida e de humanidade, a pesquisadora coloca na sua análise a emoção, o que faz com que salte das páginas impressas também a emoção das palavras sem som emitidas por Samuel Wainer.

Através de múltiplos trabalhos de memória – a memória de Samuel Wainer, dos jornalistas que inicialmente fizeram as entrevistas que constituem o material empírico utilizado por Joëlle, os amigos que conviveram com Samuel e, finalmente, a sua própria memória de pesquisadora (na qual a questão de sua identidade também se coloca em cena) – **Samuel, as duas vozes de Wainer** articula, teórica e metodologicamente, a questão da identidade e da memória com o vasto material empírico utilizado.

Mostrando a polifonia contida na questão da identidade, de tal forma que se deve visualizá-la como produto de uma permanente negociação entre o indivíduo e o mundo no qual vive, o texto enfoca, pois, a questão das identidades. No que diz respeito à problemática da memória, as imagens que são configuradas na narrativa de Samuel Wainer são representações mentais do entrevistado, transformadas em representações públicas, tornadas acessíveis pelo discurso que Joëlle reconstrói.

Nesse caminho de memória figura também as múltiplas representações do ser jornalista construído na narrativa do dono da *Última Hora*. Uma imagem idealizada, conformada em ações quotidianas, mas sobretudo uma imagem mental em torno de uma crença válida para a profissão e para os profissionais.

Nos caminhos da memória construídos pela autora a partir do material bruto analisado, figuram lembranças e esquecimentos, voluntários e involuntários. O da nacionalidade, Wainer é o mais contundente deles. Embora não se desvele se, afinal, Wainer nasceu no Brás ou na Bessarábia (ele jamais revela e diz que nunca o fará), o que importa não é a verdade dos fatos. Afinal, qualquer pesquisador sabe perfeitamente que sempre se reconstrói fatos e sempre se trabalha com interpretações. O que é importante de tudo o que fica da narrativa de Samuel Wainer são as astúcias, os caminhos, os

itinerários de sua memória, que se confundem, muitas vezes, com as vozes de uma história recente do país. Vozes que também aos jovens estudantes para entender que é a ação humana que constrói os lugares históricos do mundo.

